

## O MANHÊS NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO<sup>1</sup>

Nicole Aguiar da Silva<sup>2</sup>

Fernanda Oliveira Queiroz de Paula<sup>3</sup>

Raíza Solany Eurico<sup>4</sup>

### RESUMO

O “manhês” é definido como uma forma de comunicação entre a mãe – ou quem exerce a função materna – e o bebê. Esta é caracterizada como uma forma melódica, rítmica e suave de comunicação que assume um papel importante na formação do psiquismo do bebê, a partir do investimento afetivo e do estabelecimento do laço com o mesmo. O presente artigo tem como objetivo investigar o papel do “manhês” na constituição subjetiva, à luz da teoria psicanalítica freudo-lacanianana, através de pesquisa de revisão bibliográfica. A interação mãe-bebê, o uso do manhês e suas características, as respostas do bebê à fala melódica foram analisadas no decorrer do artigo. As obras de autores como Anzieu, Cavalcante, Hervé Bentata, Inês Catão, Jerusalinsky, Laznik, entre outros, apresenta como base para a compreensão do tema e seus desdobramentos, como resultado de uma pesquisa bibliográfica de seus livros e artigos. Dessa forma, foi possível afirmar a partir dos estudos realizados que o manhês é precursor fundamental para o desenvolvimento do aprendizado linguístico do bebê para que, posteriormente possa se constituir como sujeito.

Palavras-chave: Bebê. Constituição Subjetiva. Linguagem. Manhês.

### MOTHERESE IN THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT.

### ABSTRACT

Motherese is defined as a form of communication between the mother - who exercises the maternal function - and the baby. It is characterized as a melodic, rhythmic, and soft form that plays an important role in the formation of the baby's psyche, from the affective investment and the establishment of the bond with the baby. The present article aims to investigate the importance of "motherese" in the subjective constitution in the light of Freud and Lacan psychoanalytic theory, through a literature review research. The mother-baby interaction, the use of motherese and

---

<sup>1</sup>Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa em Desenvolvimento Humano. Recebido em 30/05/23 e aprovado, após reformulações, em 28/06/23.

<sup>2</sup> Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). Email: nicoleaguiar1@gmail.com

<sup>3</sup> Pós-doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: feoqp@yahoo.com.br

<sup>4</sup>Mestre em Psicanálise pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: raizase@hotmail.com

its characteristics, and the baby's responses to melodic speech will be analyzed throughout the article. The collaboration of authors such as Anzieu, Cavalcante, Hervé Bentata, Inês Catão, Jerusalinsky e Laznik, among others, was presented as the basis for the comprehension of the theme and its unfoldings. Thus, the results found in the literature show that motherese is a fundamental precursor to the development of the baby's linguistic learning so that, later on, he/she can be constituted as a subject.

Keywords: Baby. Motherese. Language. Subjective constitution.

## 1 INTRODUÇÃO

A fala materna é indispensável para a constituição do sujeito, sendo essencial à aquisição da linguagem e as questões biológicas. (FLORES, BELTRAMI, SOUZA, 2011). Para Sigmund Freud (1895), o recém-nascido necessita de cuidados de um outro semelhante para sobreviver, em decorrência da sua condição de desamparo, isto é, da imaturidade biológica e psíquica em que se encontra para cuidar de si e enfrentar o mundo externo. Freud (1895) denominou essa dependência do infans de “complexo do próximo” ou “complexo do semelhante” como condição fundamental para a constituição subjetiva de uma criança.

Jacques Lacan, assim como Freud, demarca a necessidade e importância do *outro* nesse processo. Contudo, em seu ensino, ele utiliza outra terminologia para falar do primeiro outro que se encarrega de cuidar do bebê, ou seja, de quem ocupa a função materna. Ele utiliza a grafia “Outro”, com letra maiúscula, para demarcar que quem ocupa essa função está em uma posição de alteridade simbólica, diferença e hierarquia geracional em relação ao bebê. Assim se pode definir esse Outro: “[...] um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 558). Desse modo, podemos dizer que Freud (1895) e Lacan (2003, p. 369) atribuem como função do Outro um lugar essencial e indispensável de “transmissão de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo” (Lacan, 2003, p.369-70).

A função materna nem sempre será exercida pela mãe biológica e pode ser encarnada por um sujeito que esteja disposto a cuidar e a investir libidinalmente no bebê, zelando pela sua sobrevivência e desenvolvimento físico e psíquico. Para que a constituição subjetiva do bebê possa vir a ocorrer, é preciso que o seu choro e suas reações motoras sejam ouvidas e interpretadas pelo Outro como uma demanda, um apelo, adquirindo assim a função de comunicação: “[...] é necessário que o agente da função materna suponha uma demanda de um sujeito onde há inicialmente um choro, atribuindo um sentido a este e procurando corresponder às urgências vitais que ele revela” (COLOMÉ, DANTAS, OLESIK ZAPPE. 2022, p.467). Freud (1895) demarca que a experiência primária de satisfação do infans deixa traços no psiquismo, fazendo com que o bebê se dirija ao Outro frente a uma sensação de desprazer, demandando que ele o satisfaça. A figura materna funciona como uma intérprete, dando significado aos incômodos apresentados pelo bebê, devido aos estímulos internos e externos que ele recebe.

Como afirma Resstel (2015, p.87): “Essa comunicação, que ocorre e que se estabelece entre o bebê e a sua mãe, é de extrema importância para o desenvolvimento emocional do infante.” É o Outro materno quem irá nomear os incômodos que o bebê manifesta como uma demanda de fome, frio, dor, etc., inscrevendo a nomeação de tais sensações no seu psiquismo. Essas sensações corporais só ganham um significado na condição de que o Outro lhe atribua um sentido. Desse modo, podemos considerar que é o desamparo que funda o laço social, visto que é essa condição que faz com que o bebê recorra ao Outro.

Destacamos também, que a relação mãe-bebê não é pré-estabelecida por condições inatas, instintivas, mas depende do estabelecimento de um laço. Para que isso ocorra, os cuidados que a mãe dirige a seu bebê devem estar permeados por operações psíquicas maternas, de forma que ela precisa estar em uma condição desejante em relação ao bebê, disposta a realizar um investimento libidinal no mesmo (JERUSALINSKY, 2009). As interações entre mãe e infans durante o seu primeiro ano de vida, são de extrema importância para a estruturação psíquica e corporal da criança. São nestes momentos que a mãe irá direcionar sua fala e instaurar um funcionamento corporal ao recém-nascido, apresentado signos e significantes para o mesmo. A fala simplificada emitida pelo agente materno surge

nos momentos de cuidado com o bebê, quando a mãe está tentando colocar significado nas ações e reações do mesmo. Desse modo, a mãe ocupa a posição do Outro, pois insere o infans no mundo dos seus próprios significantes.

Estudos sobre o manhês tiveram início no final da década de 60, no âmbito dos estudos linguísticos, objetivando, primeiramente, catalogar os elementos encontrados neste tipo de fala (EURICO, 2018). Os pontos observados foram: “[...] sintaxe (tamanho das frases e repetições), léxico (simplificação morfológica e multifuncionalidade de palavras) e aspectos dinâmicos de prosódia (tom de voz mais agudo, velocidade lenta, supressão de letras e alongamento de vogais)” (GODEGUEZI, 2021, p.11). Após a identificação das características do manhês, pesquisadores tinham o intuito de identificar como e quando esta modalidade de comunicação se efetuava. Assim, em um segundo momento, o objetivo era estudar sobre essas características, visando fragmentar e compreender a fala materna (EURICO, 2018).

A comunicação entre a mãe e o bebê ocorre durante interações diárias, nos cuidados dirigidos ao infante, tanto ao que diz respeito à satisfação das suas necessidades fisiológicas, quanto ao investimento libidinal direcionado ao infans, que viabiliza o desenvolvimento dos seus aspectos psíquicos e emocionais. O bebê, por sua vez, se sente atraído pela fala melódica da mãe, se deixando seduzir pelas marcas prosódicas, sendo ativo no processo de comunicação. Segundo Godeguezi (2021, p.27), o manhês introduz na relação mãe-bebê “[...] um elemento de excitação ou sedução que a torna recíproca e dinâmica através desta sonoridade libidinizada”.

Desse modo, o manhês entra na constituição psíquica do infans, como condição necessária para viabilizar: o estabelecimento do laço com o Outro primordial, a inserção no universo simbólico da linguagem, a organização psíquica, a constituição de uma borda corporal, a abertura para os objetos externos e o desenvolvimento do princípio de realidade. Assim, o manhês é fundamental para a constituição subjetiva do bebê humano, e tomá-lo como objeto de estudo se faz necessário para a prática do psicanalista com bebês e crianças pequenas em diferentes cenários. Faz-se necessário para a prática do psicanalista, na medida em

que, todo sujeito que chega em análise, traz em sua fala, em seu corpo, em seu psiquismo, as marcas e nomeações advindas do manhês do Outro primordial.

O objetivo deste artigo é apresentar o papel do “manhês” na constituição psíquica do bebê, com base na perspectiva teórica da psicanálise de orientação freudo-lacaniana, através da pesquisa de revisão bibliográfica.

O uso deste tipo de pesquisa se apoiou na possibilidade de incluir diferentes tipos de informação, considerando distintas fontes para estruturação do artigo. A interação mãe-bebê, o uso do manhês e suas características, as respostas do bebê à fala melódica foi analisada no decorrer do artigo. Nosso foco serão as características dessa modalidade de interação e comunicação entre a mãe e o bebê

## **2 O LAÇO MÃE E BEBÊ.**

A compressão de que a existência do bebê só se estabelece a partir do investimento do adulto que olha, toca, nomeia e conversa, se apoia na concepção de que, inicialmente, a constituição do sujeito tem em seu fundamento a sua necessidade de sobrevivência. O bebê depende estritamente das ações de um sujeito que esteja investido em seus cuidados cotidianos. Freud aponta que:

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais. (FREUD, 1895, p.241).

O desamparo, termo descrito por Freud no texto “Projeto para uma psicologia científica” de 1895, na seção o “Experiencia de satisfação”, é definido como um estado inicial do lactente, no qual o bebê depende inteiramente do outro para a satisfação de suas necessidades para sobreviver, implicando assim, o cuidado de um sujeito experiente, que auxilie o bebê a simbolizar e representar as experiências de prazer/desprazer, as quais ainda é incapaz de empreender uma ação coordenada. De acordo com Resstel (2015, p.87) “o desamparo, indica em sua

essência vivida o sentimento de abandono, que é experimentado na descoberta do eu do indivíduo com o mundo”.

Freud (1895) apresenta que as experiências de satisfação e insatisfação são inerentes ao sujeito, sendo uma condição estrutural do início da vida. A figura materna desempenha um papel fundamental na estruturação psíquica do bebê, devendo atuar como intérprete diante do desenvolvimento emocional do infans<sup>5</sup>, em relação ao seu mundo interno e externo. Diante de cada manifestação apresentada pelo recém-nascido, é importante que a mãe perceba as necessidades do mesmo e atribua significado para cada uma delas (RESSTEL, 2015). Ao utilizarmos o termo “mãe”, estamos nos referindo a pessoa que ocupa o lugar da função materna.

O organismo do bebê se depara com inúmeros estímulos do mundo exterior, nomeado por Freud (1895) de estímulos exógenos (externos), como a luz e a temperatura, por exemplo. Concomitantemente, o infans passa por alterações internas advindas de estímulos endógenos (excitações, impulsos) em decorrência de desconfortos fisiológicos, como sono, frio e fome. Os estímulos internos e externos que afetam o organismo do bebê são vivenciados como uma ameaça, desprazer/dor.

A comunicação saudável no laço entre a mãe e o bebê faz com que a criança se sinta amparada perante suas angústias, resultando em um bom progresso psíquico, dando espaço para iniciar o processo de se constituir como sujeito (RESSTEL, 2015). Freud (1895) afirma que a primeira reação do recém-nascido, ao se deparar com a insatisfação, como a fome por exemplo, é de uma resposta motora, como um grito ou choro. No momento em que a mãe vai ao encontro do infans e acolhe sua resposta motora, (gerada por uma perturbação no organismo), realizando uma “ação específica” na tentativa de cessar o estímulo que está trazendo inquietação ao bebê, isso traz uma sensação de alívio ao mesmo.

Espera-se que o resultado desse chamado do bebê tenha como resposta a vinda da mãe, para suprir a necessidade imediata do filho – como descrito acima.

---

<sup>5</sup>J.-B. Pontalis (2008) diz que nós muitas vezes esquecemos que o infans é alguém que tem acesso a todo um registro de sensações, imagens e percepções, que são certamente confusas, mas muito valiosas. "O infans é aquele que não é ainda tiranizado pela linguagem". A tirania da linguagem - invocada pelo psicanalista francês, que, portanto, presumível e pelo menos parcialmente se distancia das concepções de Lacan - com certeza não exclui o papel de organizador, que de qualquer modo pertence à linguagem. (J.B PONTALIS, 2008 apud, CANESTRI; AUGUSTO, 2021, p.34-35).

Porém, é razoável supor que, apesar do Outro responder a esse grito, a interpretação advinda deste, não irá necessariamente corresponder com o desconforto sentido pelo recém-nascido.

[...] a mãe não só estabelece a demanda do bebê – colocando em cena seu saber inconsciente para ler, para outorgar significação ao choro –, ela produz outro movimento fundamental: após formular uma resposta à demanda do bebê, ela se certifica de que a significação que atribuiu a tal demanda tenha sido acertada. É como se a mãe se interrogasse: “será que é isso mesmo que ele queria?” Nesse movimento ela supõe sujeito no bebê, supõe nele um desejo que não necessariamente coincidiria com o dela. A mãe sustenta uma posição de sujeito desde muito cedo, ainda quando as reações do recém-nascido são reflexas, carecendo de qualquer intencionalidade, ela está a supor um desejo no bebê. (JERUSALINSKY, 2002 p.137).

Os cuidados advindos do Outro vão inscrever as primeiras marcas no aparelho psíquico do bebê. Os sons, os cheiros e as sensações táteis produzem as marcas mnêmicas primordiais, que se estabelecem a partir das primeiras experiências de prazer e desprazer. Spitz (2004) ressalta que as experiências advindas a partir dos cuidados do Outro são de natureza consumatória, nas quais proporcionam a satisfação e redução da tensão psíquica, derivadas de algum desconforto fisiológico, acarretando um período de quietude, de ausência de desprazer, devido ao alívio proporcionado pela satisfação. “[...] E razoável supor que essa experiência iterativa deixará, desde o início, algum vestígio, um “registro” na mente incipiente do bebê” (SPITZ 2004, p,73).

Os cuidados com o corpo do bebê dão sustentação para o início da constituição do psiquismo. De acordo com Winnicott (1990), os bebês precisam do contado “pele a pele” com a mãe, de serem manuseados e sentirem a respiração materna, pois “[...] a pele tem importância de conter a psique dentro do corpo e isso se dá através do manuseio da pele no cuidado do bebê” (DIAS; RUBIN; DIAS; GAUER, 2007, p.28).

De acordo com Freud (1896) em sua “Carta 52”, essas experiências deixam traços mnêmicos, que se estabelecem no tempo em que o infans não está inserido na fala. As experiências primárias de prazer e desprazer, as quais o sujeito da função materna promove ao bebê, se estabelecem e deixam traços no psiquismo que, apesar de serem inacessíveis, são relevantes para a inserção do bebê na



linguagem, a construção da cadeia de significantes e do desenvolvimento e constituição psíquica.

A pele do bebê, no momento em que é tocada e manipulada pelo cuidador, sofre um estímulo que irá resultar na borda corporal e, posteriormente, numa borda entre o eu e o mundo exterior. Segundo Anzieu (1988), As funções psíquicas se sucedem a partir das funções corporais, nas quais o funcionamento atravessa para o plano mental.

De acordo com o autor Anzieu (1988, p.117), "Pode-se pensar que esse desdobramento inerente às sensações táteis prepara o desdobramento reflexivo do Eu consciente que vem se apoiar sobre a experiência tátil".

A relação mãe-bebê é marcada no seu íntimo por particularidades que darão sustentação e contenção ao corpo do bebê a partir de interações não verbais, como o cuidado com a higiene e a alimentação. "Esses cuidados não se referem apenas à satisfação das necessidades fisiológicas do infans, mas também de investimento libidinal, de endereçamento de afeto para que possa haver um bom desenvolvimento dos aspectos psíquicos e emocionais" (GODEGUEZI, 2021, p.26). Durante as interpretações feitas pela mãe, ela nomeia o que o bebê está sentido, através de palavras.

De acordo com Jerusalinsky (2009), quem exerce função materna também está encarregado de dar suporte para a construção de um funcionamento corporal a partir dos cuidados voltados para o bebê. De acordo com Bernardinho (2016), quem ocupa o lugar da função materna será o responsável pelas primeiras inscrições e marcas no bebê, tirando-o de uma condição inicial de organismo ao atribuir sentidos e significados às suas reações e manifestações.

Jerusalinsky (2009) aponta que a maternidade é construída e não inata, pois o laço entre a mãe e o bebê não é estabelecido a partir de um comportamento instintivo materno, demandando uma construção das duas partes. Segundo a autora, essa é uma experiência que convoca o saber inconsciente da mãe, implicando uma transmissão e criação singular. Jerusalinsky (2009) relata que durante os cuidados dirigidos ao corpo do bebê, ela enuncia por meio de palavras a antecipação simbólica, referente aos seus desejos estabelecidos antes do nascimento do filho. A mãe irá atribuir significados aos cuidados até que o bebê



possa vir a se constituir como um ser falante. Em sua tese, a autora expõe que a função materna não é estabelecida a partir de um saber prévio, mas, sim, através da construção de um vínculo desde o nascimento do bebê, sendo determinada a partir do laço, quando se sucede de ambas as partes. “A mãe se ocupa da economia de gozo do bebê – do olhar, da voz, da alimentação, da retenção e expulsão de fezes, do ritmo de sono e vigília – estabelecendo um circuito pulsional que não prescinde do Outro para obter satisfação” (JERUSALINSKY, 2009, p.2).

A partir da perspectiva lacaniana, o laço é construído pelo Outro primordial, já inserido (ou inscrito) na cultura, que assume os cuidados do bebê. Normalmente, no início da vida, este Outro é representado pela figura materna, que transmite os aspectos da cultura a partir da sua leitura de mundo. Tal transmissão opera no infans, estabelecendo marcas psíquicas, que irão compor sua história (OLIVEIRA, 2016, p.17). O bebê, por outro lado, traz para esse laço seus recursos como recém-nascido: “O conjunto de características constitucionais relativas ao seu aparato neuro-anatômico, entre as quais, podemos destacar o conjunto de reflexos arcaicos (que regem a atividade inicial do recém-nascido) e a extrema plasticidade neuronal” (JERUSALINSKY, 2009, p. 4).

A construção do laço entre a mãe e o bebê se apoia num complexo trabalho psíquico de ambas as partes, com o endereçamento libidinal da mãe para o bebê como base sustentadora para a relação. A mãe entra nessa relação não correspondendo a todas as demandas concebidas pelo bebê, assim, gerando as primeiras experiências de desprazer no infans (JERUSALINSKY, 2009). O estado de desamparo gera o laço com o Outro, sendo a base do laço social.

O papel psíquico do bebê no laço é determinado a partir de suas características neuro-anatômicas. O agente materno acolhe o que o bebê traz para o laço, passando de um real orgânico, quando o bebê sente o que a mãe lhe oferece, a partir de seus sentidos (visão, olfato, audição, etc.), para o início da produção de um sujeito. É possível observar que na relação, o bebê só existe a partir da mãe, já que, inicialmente, depende de cuidados com o corpo, devido a dependência orgânica. As inscrições constituintes do psiquismo que ocorrem no início da vida,

dependem do laço com um Outro. O Outro é quem pode viabilizar a inserção do bebê no universo simbólico da linguagem através do manhês e do investimento libidinal ao mesmo. (JERUSALINSKY, 2009). De acordo com Jerusalinsky (2009) a transmissão do Outro não ocorrer pela via direta de um código, mas por uma sequência de efeitos enigmáticos nesse laço, diante dos quais o sujeito precisará advir, no litoral entre gozo e saber, corpo e linguagem.

### **3 O MANHÊS E SUAS CARACTERÍSTICAS**

No conjunto dos cuidados direcionados ao corpo do bebê, existe uma particularidade que se destaca: o papel que é atribuído à voz materna (ou de quem exerce a função materna). Na relação estabelecida, o bebê se coloca como objeto de amor para essa mãe, se deixando seduzir por sua voz. É necessário salientar, que o recém-nascido se interessa pelos elementos únicos que contêm nesse endereçamento da voz para o bebê.

Os estudos do manhês (inicialmente, nomeado baby talk), surgiram no campo de estudo da linguística, no fim da década de 60, início da década de 70. Nesta época, a intenção era de atribuir um lugar para esse tipo de fala, inicialmente, sendo pensada em relação à aquisição da linguagem pelo bebê (CAVALCANTE 2000). As pesquisas direcionadas ao manhês se estruturaram a princípio, com o objetivo de buscar suas características, a partir da observação de crianças que estavam sendo inseridas na linguagem (SNOW, 1997).

Os elementos estudados então eram: as características prosódicas (que compreendiam a velocidade, a facilidade de segmentação, a elevação e a entonação da fala, bem como sua disfluência); características de complexidade da fala (sujeito do enunciado, formas verbais, tempo verbal, sentenças complexas e outras); redundância (concretude, substantivo, repetição frasal ou de sentença entre outras). (EURICO, 2018. p. 13)

Alguns autores psicanalistas apontam que o manhês se apresenta como uma linguagem universal que todas as mães manifestam ao falarem com seus bebês. Quando os pais interagem com seus bebês, produzem um discurso diferente em comparação quando falado com crianças jovens.

O “baby talk” tem uma estrutura gramatical simplificada como longas pausas, tom médio mais alto e maior amplitude, afeto acentuado, vogais marcadas e diferentes expressões faciais vindas dos pais (KALASHNIKOVA, CARIGNAN, BURNHAM, 2017).

A fala simplificada se caracteriza por modificações na gramática, prosódia, estrutura e no ritmo. “[...] Apresenta uma série de características específicas de gramática, de pontuação, de escansão, e uma prosódia especial que se manifesta por estupefação e alegria, quando dirigidas ao bebê” (LAZNIK 2000, p. 89).

O manhês se apresenta como um instrumento facilitador diante da construção do laço mãe e bebê, visto que a fala materna é uma tentativa de dar sentido as manifestações do bebê. Exteriorizadas diante de suas necessidades, e interpretadas pela mãe, como um choro, por exemplo, a mãe irá responder e nomear as demandas do bebê, em meio a isso, irá conversar com ele: “você está com fome neném? quer comer?” A mãe atende ao apelo do infans apresentando objetos para suprir suas angústias. Ferreira (2011) afirma que, para o manhês ser manhês, a resposta do bebê deve ocorrer, já que ele incita a voz materna.

A hipótese linguística expõe que a articulação das vogais no manhês é acusticamente exagerada, resultando em categoriais fonéticas mais distintas e em uma fala mais compreensível. “[...] pode ser um vestígio das interações mãe-bebê precoces, que tinham como finalidade primordial a transmissão da não agressividade e/ou uma manifestação primitiva de convergência social vocal pré-linguística da mãe para seu bebê” (KALASHNIKOVA, CARIGNAN, BURNHAM, 2017 p.1).

As pesquisas em relação ao manhês foram fundamentais para compreender a importância sobre da fala dirigida ao bebê pelo agente materno e seus efeitos na aprendizagem primitiva do idioma (GODEGUEZI 2021). Kuhl et. al. (1997) analisaram as formas estruturais advindas da fala materna de mães russas, suecas e americanas através de gravações enquanto falavam com os seus bebês e ponderaram: “Os sons das vogais eram alterados de maneiras semelhantes, de modo a alongar seu som fazendo alterações da altura tonal que, segundo os autores, teria uma importância fundamental para a ‘entrada’ dos bebês no idioma” (GODEGUEZI, 2021).

Compreender o fenômeno do manhês como algo universal foi possível a partir de estudos realizados por Ferguson (Scorsi; Diniz; Lyra, 2012), os quais se basearam, inicialmente, na hipótese de que adultos pertencentes a qualquer grupo social modificavam sua fala ao se dirigirem aos bebês. Em suas pesquisas, o autor encontrou inúmeras similaridades em diferentes línguas de diversas culturas, validando sua teoria, visto que as características apresentadas na fala dos adultos dirigida aos bebês se constituíam diante do uso de substantivos em abundância, frases construídas na terceira pessoa do singular, nomes no diminutivo, informações sobre partes e funções do corpo do bebê. De acordo com os estudos realizados, foi possível observar que o uso do manhês é uma característica comum a toda espécie humana, ainda que o modo de se dirigir a crianças pequenas possa variar em diferentes culturas.

Fogel (1997), aponta que existe uma similaridade no sistema mãe e bebê, “isto é, uma vez que bebês são similares em todo o mundo, eles devem evocar comportamentos análogos nos adultos à sua volta”.

Após os estudos sobre as características do manhês, (SNOW, 1997), no que nomeou “segunda onda dos estudos sobre o discurso materno”, A autora aponta que o propósito dos pesquisadores era reconhecer em quais situações o manhês se sucedia, e o que levava à ocorrência do manhês, quais os estímulos necessários que o faziam presente no discurso do adulto.

No segundo momento dos estudos, o objetivo era de catalogar os elementos do manhês, a finalidade era de fragmentá-lo e compreendê-lo. O resultado dos estudos apresentou que o discurso materno é um produto de interações específicas entre mães e bebês (SNOW, 1997).

Catão (2008) escreve que o manhês faz com que o bebê se aliene no campo da linguagem, constituindo um significante fundado pela musicalidade da voz materna. Esse tipo de comunicação atrai a atenção do bebê desde seus primeiros dias, fazendo com que ele prefira a fala com o uso do manhês ao discurso usual realizado por adultos (FERREIRA 2001).

Todas as mães falam o mamanhês com seus bebês. É a língua universal das mães, uma espécie de esperanto. Mamanhês é, pois, essa espécie de dialeto especial das jovens mães. Faz sobressaltar e desfalecer os bebês que as escutam. Sendo assim,

funciona como uma espécie de canto das Sereias: atrai de maneira irresistível os bebês a seu alcance. Quando a escuta, o bebê torna-se pulsionalmente muito excitado e se põe a mamar compulsivamente. Mas, em que consiste esse mamalhês, que língua é essa? Escutem uma mãe conversar com seu bebê: ela lhe fala de um jeito cantante, lentamente, destacando as palavras. A canção de sua voz é repleta de picos prosódicos, os mesmos que se ouvem no grito modulado de surpresa e de extrema admiração. Com sua canção, a mãe atrai o bebê para si, para conquista-lo, o que o torna caído de amores por ela. Entretanto, sua fala lenta, destacando as palavras, funciona como uma linha perfurada numa folha de papel. Basta segui-la e, depois, destacá-la: isto já prepara o bebê para o corte do significante e, daí, separá-lo dela, de sua mãe. (BENTATA, 2009 p. 17).

Hervé Bentata evidencia que os bebês utilizam o seu grito como um apelo, criando um meio de chamar a atenção da mãe, fazendo-a vir ao encontro deles, uma vez que o significante da presença da mãe corresponde à manifestação de sua voz: “A voz do grande Outro materno sucedia ao grito de chamada. E um se fundia ao outro como no canto das Sereias” (BENTATA, 2009, p.17).

O bebê se comunica pois percebe que isso provoca prazer na mãe, e a traz para perto, da mesma maneira que a mãe fala com o bebê quando ele se mostra atraído para a conversa (FLORES; BELTRAMI; SOUZA, 2011). E é justamente a experiência de satisfação mútua (gozo) entre mãe e criança, revelada no mamalhês, que vai chamar a atenção de psicanalistas (FERREIRA, 1990).

É possível observar, quando as mães se dirigem aos seus bebês, a forma única e explícita de como essa comunicação atua. O bebê, quando apresentado a essa vocalização, é convocado e passa a ter interesse, fazendo-o buscar com o olhar a pessoa que se dirige a ele, pois a fala materna, implica desejo (FLORES; BELTRAMI, SOUZA, 2011).

Laznik (2011) evidencia que a linguagem do mamalhês só é possível diante do desejo do bebê e do endereçamento da mãe. Laznik (2000) aponta que o bebê irá procurar o rosto desta voz, se fazendo objeto deste olhar, reconhecendo que ele é a causa deste dizer melódico, mostrados pelas feições da mãe com surpresa e alegria. O bebê então, vincula a mãe num circuito pulsional escópico.

Durante as interações que a mãe tem com o filho, é possível observar que existe um padrão, no qual a mãe oferece uma breve pausa após se dirigir à criança, para que a criança responda, seja com balbucios, ou movimentos de pernas, braços

e corpo, estabelecendo um diálogo. Durante a conversação, existe um momento no qual a mãe apresenta pausa, para que o bebê possa vir a respondê-la.

Neste ponto a mãe deixa espaço para que o filho possa existir, ocupando um lugar de suposto sujeito. Intitulado pelo neurolinguista C. Bateson (1979), como “protoconversação”, que seria caracterizado pelo dialogo pré-verbal estabelecido entre mãe e bebê (SABOIA, 2019). “[...] a mãe interpretaria seu corpo, supondo uma presença subjetiva, o que comparece nas escanções da fala materna, que ora guardam a enunciação do sujeito, ora falam por ele, até que este possa vir a tomar seu lugar na enunciação (VORCARO; SANTOS; MARTINS. 2018, p.47).

“A protoconversação se caracteriza pelo diálogo no qual o adulto falante sustenta enunciativamente o bebê, ainda não falante, por meio da oferta de sentidos às manifestações corporais do bebê” (BELTRAMI; MORAES, SOUZA, 2014, p.1829). A seguir, será apresentado um diálogo retirado de um artigo, “*Por que falar ao bebê se ele não compreende?*” (FERREIRA, 2001) para possibilitar a compreensão de como o manhês opera. O bebê de três meses e sua mãe estavam na cozinha, a conversação ocorreu durante uma refeição do filho.

Turno 8 - Mãe - tão lindo de mamãe \ cadê o menino de mamãe /  
menininho de mamãezinha / Turno 9 - Bebê - vocaliza uma vez.  
Turno 10 - Mãe - sim mamãe sim \ Turno 11 - Bebê - vocaliza uma  
vez. Turno 12 - Mãe - sim mamãe sim \ sim mamãezinha sim \ Turno  
13 - Bebê - vocaliza duas vezes. Turno 14 - Mãe - é mamãe \ é \ diga  
prá mamãe \ conte prá mamãe \ conte prá mamãezinha \ conte \  
Turno 15 - Bebê - vocaliza duas vezes. Turno 16 - Mãe - conte \  
(rindo) conte \ (FERREIRA, 2001, p.2)

É possível observar, a partir da análise do diálogo, que a fala se produz segundo as interpretações feitas pela mãe, que traduzem as reações do bebê, na qual a mãe guarda um espaço para que o bebê se manifeste, e este o faz.

Ferreira (2001) aponta os elementos encontrados neste dialogo, como o uso de diminutivos, repetições, sentenças pequenas e simplificadas, o timbre de voz mais agudo.

A autora indica, ainda, a linha melódica traçada com curvas entonacionais ascendentes e descendentes bem marcadas, e pontos silábicos que se destacam pelo tom mais forte com que são regularmente produzidos (“lin” em “lindo”, “mãe” em “mamãe” e “zin” em “mamãezinha” (Ferreira, 2001).

Esse recorte é chamado de “diálogo” porque mostra uma organização dialógica, ou seja, as realizações maternas (frases construídas pela mãe) e as do bebê (vocalizações) são produzidas sequencialmente, seguindo o modelo padrão conversacional, que tem como regra fundamental “fala um de cada vez”. De acordo com essa lógica interlocutória, as conversações desenvolvem-se através da sequência de turnos de fala (L. A. Marcuschi, 1986), ocupados sucessivamente por um e por outro participante do diálogo (como no fragmento recortado, no qual a mãe ocupa os turnos pares e o bebê os turnos ímpares). A alternância dos falantes cria uma interdependência entre os turnos, visto que a realização do turno seguinte exige a interpretação do turno anterior. (FERREIRA, 2001, p.3)

O bebê pode vir a apresentar interesse nesse diálogo com a mãe, e assim entrar no laço, construindo uma relação direta com a função materna e desenvolvendo o manhês, visto que, é preciso de ambos para que a fala simplificada possa vir a existir. Estudos realizados mostram que a fala materna possui padrões de entonação em determinados momentos dos cuidados com o bebê. “No momento da tentativa de acalmá-lo as mães utilizam-se de contornos descendentes de altura; quando o objetivo é buscar a atenção e solicitar resposta, são utilizados contornos ascendentes” (CAVALCANTE; BARROS, 2012, p. 28).

Neste momento, a mãe como intérprete das reações não verbais do bebê, atribui significado as respostas do infans, marcando-o com seus primeiros signos e significantes<sup>6</sup> (AMORIM, 2012). “É a mãe quem sustenta para o bebê a incorporação do significante. Ela costura o campo da linguagem ao real do corpo da criança. E ela o faz por meio de sua voz. A mãe fala com ele e por ele” (CATÃO, 2015, p.23).

A fala dirigida à criança (manhês) é realizada a partir do desejo da mãe, e da resposta do bebê. Essa conversação irá resultar, futuramente, na entrada do bebê na língua, deixando de ser infans para ser falante. “É preciso uma implicação do bebê. Eis deste modo instaurado o circuito da pulsão invocante, experiência que

---

<sup>6</sup> Termo introduzido por Ferdinand de Saussure (1857-1913), no quadro de sua teoria estrutural da língua, para designar a parte do signo linguístico que remete à representação psíquica do som (ou imagem acústica), em oposição à outra parte, ou significado, que remete ao conceito. Retomado por Jacques Lacan\* como um conceito central em seu sistema de pensamento, o significante transformou-se, em psicanálise\*, no elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito\*, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.708)



serve de primórdio à estruturação do inconsciente como uma linguagem” (CATÃO, 2015, p.23).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da revisão bibliográfica, de base freudo-lacanianana, a respeito do papel do manhês na constituição subjetiva do bebê, foi possível evidenciar alguns tópicos. O primeiro deles aponta para a importância do estabelecimento do laço entre quem exerce a função materna e o bebê, a partir do desamparo primordial, como processo fundamental para a estruturação psíquica do infans.

A concepção de laço se estabelece na premissa de que, inicialmente, o bebê precisa de um Outro para suprir suas necessidades fisiológicas e para ser investido libidinalmente, como condições fundamentais para que possa se desenvolver psiquicamente. Foi possível observar, diante da literatura, que vários autores apontam que a construção do laço mãe-bebê exige um complexo trabalho psíquico de quem exerce a função materna, já que esta não é resultado de um comportamento instintivo. O bebê também possui um papel diante do estabelecimento desse vínculo, no qual ele pode vir a apresentar interesse nesse Outro que o chama, deixar ser capturado por sua voz e procurá-lo com o olhar, com o choro e sons, buscando ser ativo na comunicação. O infans pode se manifestar através de movimentos corporais, mexendo as pernas e os braços, fazendo balbucios, ofertando uma resposta a essa mãe, contribuindo para que ela possa significar suas manifestações, dando sentido e representações ao que é expressado.

Conforme apresentamos, este diálogo específico entre a mãe e o bebê foi denominado como manhês, um tipo específico de fala simplificada emitida pelo agente materno. Que tem como características a repetição, a prosódia e a construção repetitiva, cuja função, juntamente com a comunicação e linguagem, é a de transmissão de afeto e investimento libidinal da mãe para o bebê, fazendo com que ele se enganche nessa conversa.

A fala materna é o que estrutura o diálogo e a interação. Contudo, foi observado que é necessário que o agente materno faça pausas para que o bebê

"responda", pois, ao fazê-lo, atribui ao bebê uma intenção de comunicação e o supõe sujeito, deixando-o existir.

Estudos de (JERUSALINKSY, 2009; BENTATA, 2009; CATÃO, 2015; LAZNIK, 2000; VORCARO, 2018) demonstram que o manhês é base para a constituição do sujeito, visto que os padrões prosódicos convocam o bebê a uma interação e, futuramente, irão contribuir para a entrada do bebê na linguagem, passando de infans para falante. A partir dos estudos efetuados para a realização do artigo, foi possível apresentar a extrema importância para o tema. Indicando que, o manhês é essencial para o início da constituição do sujeito, destacando a estruturação psíquica e corporal, e a entrada do bebê na linguagem.

Diante de tudo o que expusemos neste texto, resta-nos ainda salientar que as construções teóricas a respeito da hipótese do manhês, apesar de muito terem contribuído para a compreensão do que opera na constituição de um sujeito, se mostram incipientes, podendo lançar luz sobre questões ainda obscuras no campo psicanalítico. Atualmente, no campo da psicanálise, autores pós lacanianos vêm destacando a importância do manhês para a constituição psíquica e desenvolvimento linguístico do bebê, porém, os desencontros na linguagem podem ocorrer, ocasionando algum impasse na constituição psíquica e até uma psicopatologia. Autores como Inês Catão e Laznik, por exemplo vêm estruturando teorias a partir de uma falha na comunicação que pode acarretar no quadro clínico de autismo e/ou psicose, contudo não é o objetivo nesse momento avançar nesse tópico, deixando essa pesquisa para um momento ulterior, visto que, a relação entre o manhês e possíveis psicopatologias ainda vem sendo construídas sob observação clínica e construção teórica.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Katia de Souza. **Linguagem, comunicação e significação em bebês.**(Tese) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/59/tde-03052019-103233/publico/KATIADESOUZAAMORIM.pdf> Acesso em: 10 maio. 2023

ANZIEU, D. (1988). **O Eu-pele**. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo.

BELTRAMI, Luciane; MORAES, Anaelena Bragança de; SOUZA, Ana Paula Ramos. **Constituição da experiência da maternidade e risco ao desenvolvimento infantil.** Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, RS. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/jTYpG6JhPWZgvQMsGdFhVQL/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 maio 2023.

BENTATA, Hervé. **O canto de sereia:** Considerações a respeito de uma incorporação frequente da voz materna. 2009. Disponível em : O canto de sereia: Considerações a respeito de uma incorporação frequente da voz materna (bvusalud.org)

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. **O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição.** 1º Edição. Editora Escuta. São Paulo –Brasil. 2006.

CAMARGOS, Sandra Regina Lopes de; PROCHNO, Caio César Souza Camargo; ROMERA, Maria Lúcia Castilho. **O desamparo primordial em Nietzsche e em Freud.** mar.2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvusalud.org/portal/resource/pt/lil-600379> Acesso em: 15 maio. 2023

CANESTRI, Jorge. **O infantil:** qual é o significado?. São Paulo, 2021 . Disponível em [http://pepsic.bvusalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2021000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvusalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2021000100003&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em 06 abr. 2023.

CATÃO, Inês. **O corpo como resposta à invocação da mãe.** Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, 4(1). 2015. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/665>. Acesso em: 22 abr.2023.

CATÃO, Inês, **O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo.** 1.ed. São Paulo: Instituto Langage, 2009.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra; BARROS, Andressa Toscano de Moura C. Manhês: **Qualidade vocal e deslocamentos na dialogia mãe-bebê.** 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25054> . Acesso em: 12 abr. 2023

CAVALCANTE, Marianne C.B. Da voz a língua: **A prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê.** 5.ed. São Paulo. 2018.

COLOMÉ, Carolina Schmitt; DANTAS, Cândida Prates; OLESIAK, Luísa Da Rosa; Zappe, Jana Gonçalves. **O laço mãe-bebê e o desenvolvimento infantil frente a toxoplasmose:** um estudo de casos múltiplos. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/192894/189462> Acesso em: 22 abr. 2023.

DIAS, Hericka Zogbi J.; RUBIN, Rachel; DIAS, Alessandro Valério; GAUER, Gabriel José Chittó. **Relações visíveis entre pele e psiquismo**: um entendimento psicanalítico. 2007, vol.19, n.2, pp. 23-34. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010356652007000200002&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010356652007000200002&script=sci_abstract) . Acesso em: 28 abr.2023.

EURICO, Raíza Solany. **Do manhês à voz**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/30054/1/Do%20manh%c3%aas%20%c3%a0%20voz%20-%20disserta%c3%a7%c3%a3o%20%28vers%c3%a3o%20biblioteca%20UFMG%29.pdf> Acesso em: 20 abr. 2023.

FOGEL,A. **Infância**: infantil, família e sociedade. 1997. São Paulo,MN: West Publishing Company.

FLORES, Mariana R; BELTRAMI, Luciane; SOUZA, Ana Paula R. **O manhês e suas implicações para a constituição do sujeito na linguagem**. 2011. São Paulo. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/8270/6140> . Acesso em 22 abr. 2023.

FERREIRA, Severina Sílvia. **Por que falar ao bebê se ele não entende?**. Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar. (pp. 97 – 104). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2001. Disponível em: [http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/SSFerreira/silvia\\_ferreira\\_porque\\_falar\\_bebe\\_se\\_nao\\_compreende\\_upld.pdf](http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/SSFerreira/silvia_ferreira_porque_falar_bebe_se_nao_compreende_upld.pdf) Acesso em: 10 maio 2023.

FERREIRA, Severina Maria Oliveira. **A interação mãe-bebê – os primeiros passos**. 1990. (Dissertação de Mestrado), Recife.

FREUD, Sigmund. Esquema geral. [11] A experiência de satisfação. In: FREUD, Sigmund. **Projeto para uma psicologia científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1895. P.241-242. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas v.I)

GODEGUEZI, Vinicius Martinucho. **Manhês, Acalanto e Desenvolvimento Humano**: um estudo psicanalítico sobre o estabelecimento das relações objetais através dos elementos sonoros-musicais. São Paulo, 2021. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/204989/godeguezi\\_vm\\_me\\_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/204989/godeguezi_vm_me_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y). Acesso em 14 maio 2023.

JERUSALINSKY, J. **A criação da criança**: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê. Salvador, 2009. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/15847/1/Julieta%20Jerusalinsky.pdf> Acesso em: 30 abr. 2023.

JERUSALINSKY, Julieta. **Enquanto o futuro não vem**: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês. Salvador: Álgama, 2002.

KALASHNIKOVA, Marina; CARIGNAN, Christopher; BURNHAM, Denis. **The origins of babytalk**: smiling, teaching or social convergence? 2017. Disponível em: <https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rsos.170306>. Acesso em: 16 maio 2023

LACAN, Jacques-Marie Émile. Nota sobre a criança. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

LAPLANCHE & PONTALIS. (2001). **Vocabulário de Psicanálise** (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes

LAZNIK, Marie Christine. Linguagem e comunicação do bebê de zero a três meses. In: Laznik, M. C.; Cohen, D. (Org.) **O bebê e seus intérpretes**: clínica e pesquisa. (pp. 93–99). (Érika Parlato-Oliveira; Roberta Ecleide O. Gomes-Kelly; Gabriela Araújo; Sirley Alves da Silva Carvalho, trad.). São Paulo: Instituto Langage 2011;

LAZNIK, Marie-Christine. **A voz como primeiro objeto da pulsão oral**. Estilos clin., São Paulo , v. 5, n. 8, p. 80-93, 2000 . Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282000000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282000000100008&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em 12 abr. 2023.

OLIVEIRA, Adriana de. **A avaliação do laço mãe e bebê**: elaboração e construção de instrumentos e estudos de evidencia de validade. (Tese) – Univerdidade Federal Do Rio Grande do Norte. 2016.

RESSTEL, Cizina Célia Fernandes Pereira. **Desamparo psíquico**. 2015. São Paulo: Editora UNESP; Disponível em: <https://books.scielo.org/id/xky8j/pdf/resstel-9788579836749-07.pdf>

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanalise**. Rio de Janeiro Zahar, 1998.

SABOIA, Camila. Percalços no processo de subjetivação do bebê: sinais de risco de autismo ou depressão do bebê. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 2019, v. 22, n. 3 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/bkDcgZSdKLKptnnMHgQ6tDt/?lang=pt>

SCORSI Letícia, LYRA Maria da Conceição Diniz Pereira de. **O Manhês e o Desenvolvimento da Comunicação Adulto-Bebê**: Uma Revisão da Literatura com uma Proposta de Análise Microgenética das Trocas Mãe-Bebê 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/9138> Acesso em : 22 maio 2023.

SOUZA, Sandra Pavone de. **Um lugar para falar...** Estilos clin., São Paulo , v. 5, n. 8, p. 156-169, 2000 . Disponível em

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-7128200000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-7128200000100013&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em: 20 maio 2023.

SPITZ, René Arpad. **O primeiro ano de vida**. (A experiencia perceptual). São Paulo – 3° ed. 2004.

SNOW, Catherine Elizabeth. **Mothers' speech research**: from input to interaction. In: Talking to Children (1997) – language input & acquisition. (pp. 31 – 49). Edited by Catherine E. Snow & Charles A. Ferguson. Cambridge University Press.

VIVES, Jean-Michel. **A voz na psicanálise**. Reverso, Belo Horizonte , v. 35, n. 66, p. 19-24, dez. 2013 . Disponível em

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952013000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952013000200003&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em: 20 abr. 2023.

VORCARO, Ângela Maria Rezende; SANTOS Liliâne Cristina; MARTINS, Alexandra de, Oliveira. **O bebê e o laço social: uma leitura psicanalítica**. Belo Horizonte, Ed Artesã, 2018.

WINNICOTT, Donald Woods; **Natureza humana**. Rio de Janeiro, 1990